

ÍNDIA PÓS-COLONIAL: discursos hegemônicos e apagamento da diversidade

Sandra de Jesus dos Santos¹

RESUMO

Ao analisar o romance *In Custody* (1984), traduzido no Brasil como *Sob Custódia* (1988), percebe-se o hibridismo identitário dos sujeitos, cujas existências estão atravessadas e, por vezes, subalternizadas por estruturas de poder, oriundas tanto da colonização britânica quanto da tradição indiana. Na narrativa da autora, crítica e professora, Anita Desai, é abordada a multiplicidade cultural presente na Índia, com seus diversos aspectos culturais e, são, também, salientados, os deslocamentos epistêmicos e subjetivos dos indivíduos pós-colonizados. Compreendendo, pois, o sentido de “pós” como a permanência de uma colonização de saberes e de identidades mesmo após a emancipação territorial e política em agosto de 1947. A partir das questões apresentadas, o presente artigo objetiva: delinear os aspectos sócio - históricos, cuja presença atravessa a prosa de Anita Desai, mediante o corpus estabelecido, mapeando suas estratégias intelectuais e criativas, progredir na reflexão teórica sobre a representação da intelectual diaspórica na contemporaneidade, a partir da análise da produção ficcional de Anita Desai e analisar o romance *Sob custódia* (1988) com o intuito de perceber, nos diversos elementos narrativos, a resistência dos sujeitos pós-coloniais frente a estruturas de poder na Índia independente.

Palavras-chave: Índia. Poder. Anita Desai.

1. INTRODUÇÃO

“Onde há poder, ele se exerce” (FOUCAULT, 1984, p.75). A partir do que afirma o filósofo francês, é possível perceber quão difuso pode ser o poder em uma sociedade, principalmente, em uma sociedade pós-colonial. A nação indiana não deve ser considerada de modo singular, tendo em vista que no interior deste território, há várias Índias, a tradicional, a moderna, a bramânica, a muçulmana, a britânica, a portuguesa e, assim, várias culturas, várias línguas, várias religiões e vários sujeitos, os quais coexistem nesta região que o ocidente conhece como Índia. O poder se difunde através da colonização britânica, mas também, mediante elementos tradicionais da cultura védica, elementos da sociedade patriarcal e da demanda de corresponder ao padrão globalizador contemporâneo. Os sujeitos indianos, trazidos nas narrativas da escritora e intelectual Anita Desai (1937),

¹ Mestre em Literatura e Cultura no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia e doutoranda no mesmo programa. E-mail: sandraescrita33@gmail.com.

movem seus corpos, seus desejos e suas identidades entre as diversas estruturas de poder, as quais são, muitas vezes, sutis, mas não menos opressoras.

Nascida em Mussoorie, na Índia, em 1937, Anita Desai começou a produzir literatura ainda criança, escrevendo seu primeiro livro aos sete anos. Ela possui formação acadêmica em Delhi, mas há muitos anos lecionou e residiu nos EUA e hoje, é professora emérita do Instituto de Tecnologia em Massachussetts. Seu pai era Bengali e sua mãe alemã, o que a ajudou Desai a ser uma poliglota, no entanto a autora só escreve textos literários em língua inglesa e narra a Índia como uma intelectual diaspórica, potencializando, discursivamente, seu lugar enunciativo dentro da literatura anglófona.

A partir do que afirma o crítico martinicano: “Pertença, irredutivelmente, a minha época” (FANON, 2008, p.29), é possível inferir que todo e qualquer discurso se insere em um contexto histórico, não sendo diferente com o discurso literário, cujas imagens sempre aludem, explicitamente ou implicitamente, às circunstâncias históricas de seu autor ou autora. O discurso artístico pode corroborar ou não com as instâncias de dominação que o cerca, portanto, por meio deste artigo, pretende-se analisar o diálogo entre as narrativas da escritora indiana, Anita Desai, e os discursos de poder da Índia pós-colonial. O intuito da presente reflexão é perscrutar algumas imagens literárias, as quais expressam relações de poder, no romance de Desai, *Sob Custódia* (1988).

2. HEGEMONIA E DIVERSIDADE NA ÍNDIA

Ao olhar para trás, é possível notar, nas narrativas históricas do Ocidente, uma visão que dicotomiza o mundo entre seres evoluídos e civilizados de um lado e os selvagens e primitivos do outro. As marcas profundas deixadas pelas nações europeias, durante o colonialismo, ratificam o perigo do etnocentrismo e das crenças racistas em relação ao diferente, ao considerá-lo diverso do discurso hegemônico. A Índia foi um dos muitos territórios a ser massacrado e violentado pelo Império Britânico.

]Todas as tradições milenares, a variedade de línguas e o pluriculturalismo dos indianos foram, quando não ignorados, subalternizados pelos ingleses, cuja invasão e opressão são instauradas desde o século XVIII por meio da Companhia

das Índias Orientais e se prolongam com a dominação da Coroa britânica de 1858 a 1947. A partir, portanto, desta empreitada epistemicida, as relações de poder se tornaram mais evidentes nesta multifacetada nação, pois a língua inglesa, a religião cristã e a cultura ocidental se sobrepuseram à vida dos sujeitos indianos, em detrimento das línguas, das religiões e das culturas locais.

No entanto, embora com os movimentos pacíficos pela conquista da independência, os indianos não se mostraram passivos e conformados diante da violência eurocêntrica, criando, assim, estratégias de resistência para desmarginalizar seus saberes e descolonizar suas mentes. A Índia também é conhecida por sua estratificação social por meio de castas, contudo esta estrutura hierarquizante foi estimulada pelos britânicos em prol de seus interesses, mas logo após a emancipação da Índia, tornou-se uma prática proibida.

O sistema de castas na Índia se tornou ilegal, constitucionalmente, na década de 50 do século passado e tem suas raízes na religiosidade hindu, a partir de um sistema hierárquico, oriundo do corpo do deus criador, Brahma. A casta mais alta é a dos brâmanes (oriundos da boca de deus), os quais abarcam os letrados e intelectuais, a segunda casta é a dos Xátrias (oriundos dos braços de deus), os quais são guerreiros e militares, a terceira são os Vaixás (provenientes das pernas de Brahma), que fazem parte os comerciantes, e a última casta são os Sudras (provenientes dos pés de deus) e, por isso, são a classe dos camponeses, artesãos e operários. Há ainda, o grupo dos indianos sem castas, os Dalit (os intocáveis), a esses são atribuídos os piores serviços da sociedade, como, por exemplo, lidar com lixo, excrementos humanos e corpos de homens e animais. Segundo a tradição hindu, os intocáveis vêm da poeira sob os pés de deus e são desprezíveis. A partir destas quatro castas, surgiram outras várias subcastas, e os grupos chamados *jatis*² as quais conservam as ideias de hierarquia e segregação. Embora a Índia não possua mais este sistema legalmente, os numerosos intocáveis ainda são vítimas de preconceito e discriminação social. No entanto, alguns conseguem ascender

² Como é chamado o sistema de castas indiano atualmente. Os *jatis* são formados por comunidades, clãs e tribos dentro da Índia, os quais podem se diferenciar por profissão, religião ou outros fatores sociais.

socialmente como, por exemplo, os presidentes indianos eleitos em 1997 e em 2017³, os quais são oriundos da casta dos Dalit.

Embora em condição diaspórica, a escritora se sente muito próxima da Índia, na qual se encontra suas raízes identitárias. Esta é uma situação cada vez mais comum, atualmente, como salientou o filósofo indiano Amartya Sen:

A natureza da identidade indiana é significativa para aqueles que vivem na Índia. Mas também é importante para a grande diáspora indiana em todo o mundo - estimado em 20 milhões ou mais em número. Eles não veem, certamente, nenhuma contradição entre ser cidadãos leais do país onde estão resolvidos e onde são social e politicamente integrados (Grã-Bretanha, Estados Unidos, Malásia, Quênia ou onde quer que seja), e ainda mantendo uma sensação de filiação e companheirismo com a Índia e os indianos. (SEN, 2005, p. 73, tradução minha)

Este “companheirismo” e “filiação” apontados pelo filósofo Sen (2005) podem ser contemplados em toda produção literária de Anita Desai, a qual sempre traz, em seus livros, os espaços físicos, psicológicos e ancestrais da Índia. Mesmo, morando e trabalhando no Ocidente, a autora apresenta sua terra natal como um território ao mesmo tempo belo e complexo, rico e intrigante. Parecem ser relevantes para Desai, tanto a herança tradicional indiana quanto os diálogos com a modernidade ocidental. Mas, sobretudo, em suas histórias, é possível perceber as marcas traumáticas, oriundas do colonialismo, como também, as muitas feridas produzidas pela própria trajetória histórico-política da Índia.

O romance *Sob Custódia* começa na Universidade Lala Ram Lal em Mirpore, na Índia, com o encontro do protagonista Deven e seu amigo, Murad. O primeiro, um professor de Hindi e escritor nas horas vagas, e o segundo, o editor de uma revista de literatura Urdu. A universidade é uma grande instância de dominação dos saberes e dos sujeitos, pois todo o sistema educacional indiano foi forjado pela coroa britânica desde o século XIX. No decorrer da narrativa, Deven parece não se enquadrar naquela vida, na qual só está, por ter fracassado enquanto poeta e precisa sustentar esposa e filho. Ao receber a proposta do amigo para entrevistar Nur, um grande poeta da poesia Urdu, ele fica apreensivo, tendo em vista que,

³ Ver a matéria: Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/ram-nath-kovind-eleito-sundopresidente-dalit-da-india-1-21610783> . Acesso em: 26 de agosto de 2017.

geralmente, sente-se incapaz de realizar qualquer tarefa e, também, emocionado, porque desde criança aprendeu a amar a língua Urdu, através da poesia declamada por seu falecido pai.

Como professor, Deven era monótono e enfadonho e quando, pois, via-se desconcertado por alguma situação, ele, simplesmente, silenciava ou recitava, para si mesmo, trechos da poesia Urdu. A partir destas atitudes, o protagonista pode ser visto como uma versão metonímica da Índia pós-colonial, porque o que o narrador diz sobre ele pode ser tomado, por analogia, como o silenciamento histórico a que foram submetidos os sujeitos subalternizados pelo império britânico, como revela o seguinte trecho: “Durante a infância e a juventude, Deven conheceu um único modo de enfrentar a vida: permanecer calado e invisível”. (DESAI, 1988, p. 12). Em outra passagem, também, o personagem demonstra seu assujeitamento ao dizer: “... não posso deixar meu emprego aqui. Tive de aceitá-lo quando me foi oferecido. Eu estava casado e Sarla esperava bebê, você sabe...” (DESAI, 1988, p. 13) e quando Deven está saindo de sua cidade ao encontro do poeta, o narrador explicita a sensação de aprisionamento, a qual envolvia a existência do professor:

O ônibus logo deixou Mirpore para trás. Para Deven era um choque a facilidade com que estava se libertando do que chegara a parecer não apenas todo o seu mundo, pois não existia fora dele, mas muitas vezes uma armadilha cruel, ou uma prisão, uma prisão indestrutível da qual era impossível fugir. (DESAI, 1988, p. 17).

O silêncio e a invisibilidade são dois elementos constitutivos dos territórios e das identidades colonizadas, pois mesmo que falassem, não eram escutados e o fato de jamais serem enxergados como sujeitos, legitimava toda e qualquer exploração pelas metrópoles europeias. Quando Deven diz: “tive de aceitá-lo”, aponta para a imposição colonial do saber, da religião, da língua e da cultura ocidentais, cuja opressão sufoca e subestima as belezas e as riquezas locais. A sensação de se estar em uma prisão, embora a Índia já tivesse se tornado independente em 1947, evoca as instâncias contínuas de dominação sobre as mentes dos sujeitos uma vez submetidos à força de um discurso colonial, o qual durou tanto tempo. Como Deven, outros sujeitos indianos vivem o dilema cotidiano de se sentirem desterritorializados em sua própria terra.

Este personagem, porém, não apenas se entregava ao silêncio, mas, como forma de resistência, encontrava consolo e direcionamento na poesia que recitava para si mesmo. Em partes da narrativa, isso se confirma: "... Era muito dado a recitar poesia em voz alta, um hábito que, segundo lhe haviam dito, seu pai também tinha, e que por isso considerava como herança merecida". (DESAI, 1988, p. 10). Em outra passagem, através do que salienta a onisciência do narrador, diz-se sobre Deven: "A poesia lida e decorada vivia sob todos esses pontos visíveis da sua existência submersa, e tinha sido para ele mais uma fonte de conforto e consolo do que uma promessa de salvação". (DESAI, 1988, p. 38). E em outro exemplo, tem-se o próprio personagem, discorrendo sobre o papel da poesia em sua vida: "Sou... apenas um professor, senhor – balbuciou - e preciso lecionar para sustentar minha família. Mas a poesia – a língua urdu – são necessárias, preciso servi-las...". (DESAI, 1988, p. 42).

Se, por um lado, o sujeito pós-colonial tem o saber acadêmico e enrijecido do modelo europeu, por outro, ele tem o saber artístico-literário para ressignificar seu existir e, também, emitir enunciados políticos e transformadores, pois, enquanto pós-colonial, pode ser considerada uma literatura menor, e segundo Deleuze e Guatari, inevitavelmente política: "A literatura menor é totalmente diferente: seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política". (DELEUZE E GUATARI, 2014, p.26).

Os saberes tão valorizados pela metrópole, não, necessariamente, trazem sabor e sentido para a vida de indivíduos e grupos, cujos maiores e mais importantes saberes são oriundos da família, do afeto, da comunidade. O saber lírico em língua Urdu, cuja memória dava um pouco de esperança para Deven, foi um legado do seu pai, no entanto, a língua Hindi, a qual ensinava na universidade, foi aprendida pelo processo de escolarização. Esse conflito entre essas duas línguas, no romance, elucidam a situação pela qual passam os sujeitos que são obrigados pelo sistema educacional a lerem e escreverem em língua inglesa e são condicionados a se distanciarem de suas línguas nativas, que são lugares de memórias afetivas e de saberes identitários.

O dilema linguístico é também vivido pelos escritores pós-coloniais contemporâneos, os quais usam uma língua menor local ou encontram seu ponto de

“terceiro mundo” (DELEUZE E GUATARI, 2014) dentro da língua majoritária. A partir deste contexto, a autora Anita Desai declara, em uma entrevista no ano de 2016, ao ser questionada por escrever em língua inglesa, já que era fluente em quatro idiomas:

I've been writing in English, which is what I started school of Mission School in India. I was always conscious of the other languages that I was hearing, that I was listening to and that I wanted to use and put on paper. What do I do? And it led to a certain frustration and I adressed it very, very consciously, indirectly in some of my books one was called “In Custody”[...] I wrote in English, but as very conscious of trying to somehow convey the sounds and rhythms and images of the urdu language. (DESAI, 2016)⁴.

Desai, portanto, fala do fato de o Inglês ser a língua, através da qual se aprende a ler e a escrever; foi, pois, a primeira língua, pela qual ela conheceu a literatura, boa parte desta, europeia e ocidental. A Índia possui o Hindi e o Inglês, como línguas oficiais, e mais de vinte idiomas reconhecidos constitucionalmente, sem contar as línguas “minoritárias”. O Hindi é preponderante na Índia e o Urdu, no Paquistão, no entanto, a língua inglesa é a língua daqueles que têm a oportunidade de ir para a escola, é a língua capaz de projetar os sujeitos para concluírem seus estudos nas metrópoles mundiais. Muitos intelectuais diaspóricos como Anita Desai, Salman Rushdie e Agha Shahid Ali usam a língua do colonizador de um modo a deslocá-la de seu lugar usual de poder, a fim de narrar as potencialidades de uma Índia pós-independente.

A história indiana sempre foi marcada pela pluralidade linguística, religiosa e cultural, e, com certeza, um dos conflitos mais eloquentes é entre os hindus e os muçulmanos. Os britânicos endossaram esta divisão e possibilitaram a divisão entre Paquistão (para os muçulmanos) e Índia (para os hindus) após a independência de 1947. O que ocasionou uma grande onda migratória no país, deslocando sujeitos, até mesmo contra sua vontade, para respeitar estas fronteiras sócio-políticas vigentes. A divisão da Índia, no entanto, não extinguiu a coexistência entre

⁴ “Eu escrevi em inglês, que é o que (como) eu comecei na Escola de Missão na Índia. Eu sempre estava consciente das outras línguas que eu estava ouvindo, que estava escutando, as quais eu queria usar e colocar no papel. O que eu faço com isso? E Isso me levou a certa frustração e eu abordei muito, conscientemente, indiretamente em alguns dos meus livros, um chamado “Sob Custódia” [...] escrevi em inglês, mas muito consciente de tentar, de alguma forma, transmitir os sons, ritmos e imagens da língua urdu...” (DESAI, 2016, tradução minha).

islamismo e hinduísmo em muitas partes do país, como exemplifica o seguinte trecho do romance *Sob Custódia*:

Não era uma divisão real, com fronteiras demarcadas, mas havia diferenças entre elas não aparentes, mas conhecidas e observadas por todos, assim os porcos, de um modo geral, eram mantidos longe da mesquita e as vacas nunca eram abatidas perto de um templo. [...] Se os dois grupos se encontrassem, como acontecia vez ou outra, facas luziam, cassetetes açoitavam e o sangue corria”. (DESAI, 1988, p. 13).

A tensão está, continuamente, presente entre essas comunidades, conduzindo a uma fragmentação interna, a qual reduz o poder de resistência contra o controle britânico. Assim acentua o personagem Nur: “- Como pode haver poesia urdu se não existe mais a Língua? [...] A derrota imposta aos mongóis pelos ingleses passou a corda no pescoço do [...] urdu, e a derrota [...] pelos hindi-*wallahs*⁵ aos ingleses apertou o laço”. (DESAI, 1988, p. 40). A condição de decadência, na qual se encontra a língua urdu, é um tema significativo neste romance, mas também, pode-se inferir que quando uma língua é desvalorizada e menosprezada, assim, serão tratados seus falantes, seus sujeitos.

O apagamento que ocorre com a língua Urdu é símbolo do que acontece com toda e qualquer língua colonizada, tornando-se preterida sempre mais devido à imposição de outra língua, considerada maior em poder e expansão. O mesmo personagem Nur, de forma filosófica e poética, sintetiza o que, segundo ele, tem ocorrido no cenário político:

- Errado, errado, estão errados há trinta anos. Não é uma questão de paquistanês e hindustani, de hindi ou urdu. Não se trata nem mesmo de história. Vocês deveriam estar falando do tempo, mas não podem – o conceito de tempo é vasto demais para vocês, vejo isso, contudo o tempo é na realidade tudo o que conhecemos em nossos corações. (DESAI, 1988, p. 53).

O personagem parece preferir a ideia de tempo à ideia de história, porque, na história da humanidade, somente um lado foi ouvido, o lado dos conquistadores, e agora, pois, chegou o tempo dos povos conquistados contarem a sua versão,

⁵ *Wallah* : Significa um anglo-indiano; alguém especializado em algo.

reconstruindo uma historiografia na qual todos encontrem representatividade. Em outra passagem do texto, Nur fala da urgência em se inscrever no tempo da reconfiguração dos saberes, a fim de que o Tempo, enquanto história, não subalternize algumas vozes novamente: “Antes que o Tempo nos reduza a pó, precisamos gravar nossa luta contra ele. Precisamos imprimir nossos nomes na areia antes que chegue a onda para levá-los e transformá-los em parte do oceano”. (DESAI, 1988, p. 113-114).

Tanto Deven quanto Nur são metáforas de sujeitos indianos entre instâncias de poder e a luta pelo processo de descolonização. Pela voz do narrador, tem-se acesso à situação limite, na qual se encontram estes personagens, como visto no trecho:

Casamento, família e um emprego o haviam colocado na jaula; [...] A [...] amizade com Nur lhe dera [...] ilusão [...], mas Nur não tinha escapado de sua jaula – estava tão encurralado quanto Deven, embora sua jaula [...] atraísse mais atenção. (DESAI, 1988, p. 132).

Mediante a narrativa com traços psicológicos, feita por Desai, é possível ter acesso às lutas interiores destes sujeitos frente a estruturas colonizadoras na Índia contemporânea.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário híbrido da Índia pós-colonial revela quão tênue é a fronteira entre o “eu” e o “outro”, cujas instâncias são fluidas e móveis. Há, portanto, um constante devir presente nos países que tiveram a experiência da violência colonial, pois suas identidades já não podem se ancorar em discursos tradicionais, mas também não podem negá-los; não podem, dessa forma, fixarem-se na globalizadora ocidentalização do mundo, todavia não lhes é possível ignorá-la. A teórica Shohat (1992) salienta os inevitáveis conflitos dos territórios, recentemente descolonizados, os quais, no período da colonização, eram oprimidos pelos colonizadores e, atualmente, são mobilizados pelo problemático movimento nacionalista:

Contemporary cultures are marked by the tension between the official end of direct colonial rule and its presence and regeneration through hegemonizing neo-colonialism within the First World and toward the

Third World, often channeled through the nationalist patriarchal elites⁶. (SHOHAT, 1992, p. 106)⁶

Diante do exposto, pensar a máquina colonial e toda a violência epistêmica e cultural vivida por vários países asiáticos, africanos e americanos é, também, cogitar sobre as consequências que permaneceram nas colônias, quando as metrópoles foram embora. Contudo, não se pode ignorar as estruturas de poder que já existiam na época pré-colonial, como, por exemplo, o patriarcalismo e os conflitos étnicos e religiosos na Índia. Com a leitura do romance *Sob Custódia* e de outras obras literárias de escritores pós-coloniais, a linguagem se afirma, cada vez mais, como um espaço político, por meio do qual, ideologias são debatidas e violências são denunciadas. E a literatura é, pois, um lugar privilegiado em que a linguagem pode ser construída em toda a sua potência criativa e estética, sem, porém, deixar de ser, concomitantemente, crítica e sociológica.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é uma literatura Menor? In:____. Kafka - Por uma literatura menor. Trad. Cíntia da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p.33-53.

DESAI, Anita. *Sob custódia*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Salvador: Edufba, 2008.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4^a Ed. 1984. (Biblioteca de filosofia e história das ciências; v. nº 7).

HANSON, Louis. Anita Desai. Entrevista em vídeo publicado no Youtube em 18 nov. 2016. Duração: 58 min. e 41 seg. Disponível em: . Acesso em: 15 ago. 2017.

SEN, Amartya. *The argumentative Indian: writings indian history, culture and identity*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2005.

SHOHAT, Ella. Notes on the post-Colonial. In: *Social text*, No. 31/32, Third World and PostColonial issues. Published by: Duke University Press, 1992, PP.99-113.

⁶ As culturas contemporâneas são marcadas pela tensão entre o oficial fim do domínio colonial direto e sua presença e regeneração através da hegemonização do neocolonialismo no Primeiro Mundo e em direção ao Terceiro Mundo, o qual, muitas vezes, é canalizado através das elites nacionalistas patriarcais.(SHOHAT, 1992, p. 106, tradução minha).